Viso · Cadernos de estética aplicada

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 4, jan-jun/2008

<http://www.revistaviso.com.br/>

Viso.

CADERNOS DE ESTÉTICA APLICADA Nº4

Réplica

Paulo Hamilton

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de Janeiro, Brasil

HAMILTON, P. “Réplica”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. II, n. 4 (jan-jun/2008), pp. 57-60.

DOI: 10.22409/1981-4062/v4i/55

Aprovado: 26.05.2008. Publicado: 30.06.2008.

© 2008 Paulo Hamilton. Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR

Accepted: 26.05.2008. Publicado: 30.06.2008.

© 2008 Paulo Hamilton. This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Tropa de elite é um produto direto do documentário *Ônibus 174*. Quem quiser ver o documentário, vai encontrar o ex-capitão do BOPE Rodrigo Pimentel e o Capitão André Batista, dois dos autores de *Elite da tropa*. As entrevistas com os policiais e ex-policiais sobre a ação fracassada do BOPE no episódio do ônibus 174 estimularam José Padilha a fazer um documentário sobre a polícia. O problema é que ninguém falava nada. Os policiais se recusavam a dar entrevistas para um documentário daqueles. Foi então que José Padilha e Rodrigo Pimentel resolveram fazer uma “ficção”, um filme quealaria sobre a polícia militar do Rio de Janeiro. Depois do roteiro pronto é que Rodrigo Pimentel, André Batista e Luiz Eduardo Soares decidiram escrever o livro. Como fazer cinema nesse país é uma missão duríssima e exige anos para captar dinheiro e produzir, o livro foi publicado primeiro. Portanto, *Tropa de elite* deu origem ao livro. E não o contrário.

Essa é apenas uma informação, mas não invalida em absoluto a tese de Pedro e de Daniel de que o filme faz escolhas.

Pedro Caldas sugere a leitura do texto de Daniel Caetano para uma boa compreensão da obra. Concordo com ele. A percepção apurada de Daniel Caetano de que o filme deseja exatamente forçar o espectador a tomar posições é fundamental para compreender *Tropa de elite*, ainda que eu não aceite a idéia de que a cena do André Mathias na sala da faculdade seria mais verossímil caso a turma irrompesse numa balbúrdia (sinceramente, como ex-estudante de uma grande universidade carioca na época em que a ação do filme se passa, acho que a cena seria exatamente daquele modo).¹

Daniel Caetano utiliza-se deste exemplo para deixar claro que o filme faz um recorte da realidade. E Pedro argumenta que *Tropa de elite* quer ser “documental”. Uma coisa anularia a outra. Eu discordo. É fato. José Padilha quis fazer um retrato da realidade do ponto de vista do policial. E fez. Claro que, como qualquer obra de arte, não se trata da realidade, e sim de um filme. Mesmo um documentário é fruto das escolhas de quem o fez.

O livro *Elite da tropa* também quer ser “documental”. Os autores contam a experiência desse capitão fictício que se parece com o André Matias do filme. Não se parece apenas, é exatamente ele. O alter ego dos dois personagens é o mesmo, o Capitão do BOPE e um dos autores do livro, André Batista. Na verdade, a primeira parte do livro poderia ser considerada uma “continuação” de *Tropa de elite*, como se contasse as experiências do novo Capitão André Matias. O ex-capitão Rodrigo Pimentel, alter ego do Capitão Nascimento, já havia contado suas histórias no roteiro do filme.

Cito estes fatos apenas para dizer que as escolhas usadas como exemplo por Pedro não poderiam ter sido feitas pelo diretor do filme e nem pelos roteiristas. De qualquer modo, Pedro cita esses fatos para argumentar que José Padilha talvez quisesse transformar Nascimento em herói, evitando episódios trágicos como matar involuntariamente uma

criança na Favela. Ok, talvez esse episódio não tenha sido mostrado, provavelmente porque não aconteceu com o Pimentel, porém, como já mencionei no texto anterior, não faltam no filme exemplos da barbárie cometida pelo BOPE todos os dias nas favelas.

O filme é uma ficção (por exemplo, o romance entre André Mathias e a menina da PUC que trabalha na ONG nunca existiu; Neto morreu assassinado numa invasão do BOPE na favela e não por causa de um par de óculos...), e é documental (o BOPE tortura, invade casas de favelados, a polícia corrupta vende armas para o tráfico). Qual é o problema?

Não me venham com a idéia de que o filme, mesmo não sendo uma tese científica, retrata uma realidade tal como ela é. Se o diretor não assume uma posição, se ele apenas apresenta documentalmente uma perspectiva, caberia perguntar por que razão essa mesma perspectiva não foi explorada em outras possibilidades.

Ora, a perspectiva não foi explorada em outras possibilidades porque seria um outro filme. Padilha deixa muito claro que a perspectiva do filme é a do Nascimento, embora o diretor do filme seja ele, e as escolhas também. Isso não significa que o filme não mostre a realidade tal como ela é. Uma coisa que tem sido muito confundida por alguns críticos são os **fatos** que aparecem no filme e que são incontestavelmente um reflexo do que acontece no Rio de Janeiro e as **opiniões** do nosso Capitão Nascimento, torturador de criancinhas. Repito mais uma vez, as mazelas de Nascimento, do BOPE e da polícia Militar estão claramente demonstradas na obra. É falso sugerir que o diretor tentou transformar o policial num herói.

A questão é que nossa burguesia, na qual me incluo, retratada como culpada e alienada pelo Capitão Nascimento, acusou o golpe. Fico menos assustado com os desvairados que acham que Nascimento é herói e o BOPE é a solução do que com a elite intelectual que, ao invés de buscar soluções para os problemas que o filme aponta ou discuti-lo num nível verdadeiramente estético, se ocupa em acabar com a obra reduzindo-o ao rótulo de fascista ou coisas do gênero. É aqui que me pergunto: quem afinal está se escondendo?

* Paulo Hamilton é ator do filme *Tropa de elite* e graduado em direção teatral pela UFRJ.

¹ “Imagine o leitor que a já célebre cena de *Tropa de elite* em que o aspirante/estudante Matias questiona sua turma na faculdade tivesse um final diferente. Imaginemos que, ao invés de um silêncio sepulcral, a acusação de Matias – de que seus colegas não conhecem a realidade do dia-a-dia da polícia e que contribuem para o tráfico enquanto vivem tranquilos nos seus apartamentos na Zona Sul – tivesse sido sucedida por uma grande balbúrdia, com o jovem cercado por gritos dos seus colegas, fruto da discordância que aquela afirmação polêmica geraria. Possivelmente assim a cena seria mais verossímil, mais realista acerca das relações e reações dos personagens envolvidos”.